

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: OPORTUNIDADE DE ASSIMILAR A TEORIA NA PRÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA PÚBLICA EM PARNAÍBA.

Shirley Maria da Cunha Fontenele (Graduanda em Pedagogia – UFPI)

shizinhacf@hotmail.com

RESUMO:

Este texto apresenta análises de um Relatório do Estágio Escolar apresentado à Universidade Federal do Piauí – Campus de Parnaíba, como requisito parcial para a conclusão da disciplina de Estágio Supervisionado na Escola III. Em que objetivo refletir sob a docência enquanto objeto de conhecimento, por meio de experiências em observações e práticas exercidas nas séries iniciais do ensino fundamental na Escola Pública em Parnaíba. A disciplina de Estágio Supervisionado III foi realizada em 48h/a distribuídas da seguinte forma: No primeiro momento, foram feitas observações na Escola, para ser analisada a estrutura física e as relações interpessoais existentes no ambiente escolar. No segundo momento, observações na sala de aula em apresso um olhar crítico sob as ações pedagógicas, metodologia de ensino empregada e a relação professor-aluno na sala de aula. Por último, conluo com a fase da regência em realizei atividades diferenciada, seguindo a concepção interacionista, em que tenho a oportunidade de assimilar a teoria na prática.

PALAVRAS CHAVES: Estágio Supervisionado, Teoria e Prática, Ensino Fundamental, Escola Pública.

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado na Escola III foi uma oportunidade de assimilar a teoria na prática e conhecer a realidade do dia a dia de uma escola Pública de Parnaíba. Encontrando a luz da teoria de modo que expandi meus conhecimentos e experiências e confirmando o que sabia. Foi realizado no período de Novembro de 2011, abrangendo um total de 48h/a.

Proponho inicialmente, uma análise preliminar mais descritiva que será desenvolvida por meio da observação participante, sobre o ambiente físico da escola como também de suas relações interpessoais no primeiro capítulo. Em seguida no segundo capítulo destacarei o cotidiano da sala de aula, a metodologia e as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores, como também, a relação professor-aluno observada. No terceiro capítulo privilegiarei o momento da regência e todas as experiências vividas dentro de sala de aula.

A Escola da Vida em que realizei o estágio está localizada no Estado do Piauí, município de Parnaíba. A instituição foi criada em 26 de maio de 1984. A escola conta com 291 alunos matriculados nos turnos manhã e tarde no Ensino Fundamental (2º ano ao 5º ano).

Seu corpo docente é formado por 15 professores (efetivos e contratados) e 4 professores complementares.

Concluo esta experiência com grande satisfação pela forma como o estágio foi realizado, tratando de forma ética todas as pessoas envolvidas e assim resultando um grande aprendizado, entretanto, me preocupo com a Educação Pública oferecida nas escolas de Parnaíba, vez que, os professores ainda são precarizados, muitas vezes tendo assumir funções que não são suas, e se descuidando do bem maior que é “educar”.

2. UMA VISÃO DO AMBIENTE FÍSICO E DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS QUE EXISTE NO AMBIENTE ESCOLAR

A educação acontece em todos os lugares, assim não existe um modelo padrão, estático de educação, vez que a escola não é o único local onde ela ocorre e nem o professor seu único agente. De acordo com Bradão: “Existem inúmeras educações e cada uma atende a sociedade em que ocorre, pois é a forma de reprodução dos saberes que compõe uma cultura, portanto, a educação de uma sociedade tem identidade própria”. (2006, p. 9).

Em minha primeira visita a Escola da Vida¹, observei o espaço físico que consta oito salas de aula, uma sendo conjugada com a biblioteca, utilizada como depósito de livros, sem nenhum acesso aos alunos para empréstimos de livros. As salas de aula são iluminadas, ventiladas, com carteiras e mesas, decoradas com calendários e murais com atividades dos alunos, entretanto, são sujas, vez que a escola sofre por falta de zeladores.

A escola também consta em seu espaço físico com uma área de areia para atividades lúdicas na hora do recreio e um pátio coberto, contem dois banheiros em péssimas condições de uso, sujos e precarizados pela falta de manutenção. Os dois bebedouros que existem na escola não funcionam, as crianças bebem água de garrafas que ficam no freezer da cantina. A diretoria é conjugada com a secretaria. Em seu ambiente físico ainda conta com a sala dos professores com dois banheiros para utilização dos mesmos, uma cantina sem merendeira, em que a diretora e professores é que fazem a merenda e distribuem.

Como a escola pública pretende educar, transformar a vida dos alunos com essas condições precárias de estruturação física, questionada a diretora sobre a situação da escola sem porteiro, zelador e merendeira, ela diz que já foram muitos dias de luta na Regional de Educação, e a resposta é sempre a mesma: “no momento não existe possibilidade de colocar

¹ Escola da Vida: nome fictício dado à escola observada, bem como pseudônimos aos sujeitos participantes.

ninguém para assumir os cargos”. Então me pergunto quais as possibilidades de acontecer uma educação em que os alunos não têm o mínimo para estar na escola? Se seus banheiros são precarizados, sujos, inóspitos, nem água nos bebedouros existem? Se suas salas estão sujas? Como pode existir educação se a escola que também está para ensinar e incentivar os bons modos não está adequada? Não posso concordar, e achar que no momento não existe como designar ninguém para estes cargos. E concluo, como mais um grande descaso com a educação e com os alunos. Libâneo (2008) reflete exatamente o que a escola tem direito por lei, com relação a sua estrutura:

Toda instituição escolar necessita de uma estrutura de organização interna, geralmente prevista no Regimento Escolar ou em legislação específica estadual ou municipal. O termo estrutura tem aqui o sentido de ordenamento e disposições das funções que asseguram o funcionamento de um todo, no caso, a escola. (p. 127).

Assim, transformo a direção e professores em heróis em conseguirem educar seus alunos nessas condições, porque com todas as dificuldades eles se mostram uma equipe preparada, se disponibilizando muitas vezes a fazerem atribuições que não são suas. De acordo com Lima (2001):

Sendo a escola ponto de encontro dos vários sujeitos envolvidos com o ato de ensinar, o construir juntos precisa contar com a participação dos alunos, professores, dos pais, dos funcionários, da direção, da coordenação e da comunidade. Dessa forma, a organização de um projeto coletivo é condição indissociável na concretização de uma escola participativa, capaz de enfrentar a descentralização dos serviços. (p. 40).

Desse modo, concordo com Lima quando afirma que para que ocorra aprendizagem efetiva dos alunos é necessário à colaboração de todos os funcionários que constituem o ambiente escolar. E é o que presenciei nesse estágio na Escola da Vida, apesar de não está com seu quadro de funcionários completo, os que estão por lá, tentam dar conta do recado.

3. UM OLHAR CRÍTICO SOB AS AÇÕES PEDAGÓGICAS NA SALA DE AULA

Em minha observação e prática pedagógica me situei em quatro questões importantes citadas por Ayres: Por que ensino? O que ensinarei? Como ensinarei? A quem ensinarei? E percebo que não estou nessa profissão por dom ou por amor, mas por compromisso no que diz respeito ao poder que o professor tem de transformação. A transformação que falo aqui é através da educação para a formação de cidadãos críticos e preparados para a vida. Desse modo, Ayres reflete que: “O professor deve sempre conservar em sua mente a noção maior do

que ele é, mais do que tudo, um agente promotor da educação e que é, portanto, um educador”. (2007, p. 19).

Independente da disciplina ministrada pelo professor, ele deve ter o compromisso maior que é ensinar o aluno para a vida, torna-lo um ser crítico. O professor deve estar sempre em processo de formação, preparando-se para suas aulas com leituras adequadas e seguro do que irá ministrar. Como também, o bom professor antes de tudo procura conhecer seus alunos com quem irá trabalhar, tem o cuidado de preparar planejamentos coletivos e individuais, vez que, os alunos não aprendem da mesma forma e ao mesmo tempo. Então defino essas quatro questões levantadas por Ayres como norte de meu estágio, pretendendo colocar em prática o que for falado aqui.

Em minha primeira visita ao 2º ano do Ensino Fundamental na Escola da Vida, observei a sala que conta com 18 alunos. O professor iniciou sua aula realizando a chamada e verificando quem tinha feito o dever de casa, fazendo referência ao cartaz Gestão Nota 10², para verificação de quem estava fazendo os deveres de casa ou não. Questionei ao professor se era tomada alguma atitude com relação aos alunos que não faziam a atividade, e ele me respondeu que é notificado nas suas cadernetas escolares para os pais verem e acompanharem seus filhos, mais nem eles como o governo não parecem está interessados se os filhos aprendem ou não e sim na sua frequência na escola, para o recebimento do benefício Bolsa Escola³, o que mostra mais um descaso na nossa educação.

Os alunos dão várias desculpas para não terem realizado a atividade de casa, como não terem ninguém para ensinar, nem lápis ou tempo, dentre outras. O que mostra um verdadeiro descaso com a formação destes. O professor então inicia sua aula realizando a correção do exercício de matemática passado para casa sobre a sequência numérica de 100 a 200, e pede aos alunos que não fizeram em casa que façam no momento.

O professor José me informou que nem todos os alunos sabem ler, mas conseguem tirar do quadro, e considera até uma forma mecânica e afirma que por isso terá que reter três alunos, por que ele se sente preocupado com o futuro deles se deixa-los passar de ano. José demonstra domínio da turma, e compromisso com a formação de seus alunos, acompanha atencioso de carteira em carteira como os alunos estão, não deixando de dar atenção aos que precisam mais, por ainda não conseguir ler. Percebi que os alunos demonstram grande carinho

² Uma parceria do Instituto Ayrton Senna e da SEDUC (Secretária de Estado da Educação e Cultura).

³ Bolsa Escola é uma ação de transferência direta de renda integrante do Programa Vida Melhor. Ela beneficia famílias que possuem em sua composição ao menos uma criança ou adolescente entre 3 e 17 anos com o intuito de incentivar a permanência desses na rede de ensino escolar. Além do auxílio pecuniário concedido à família, aos alunos é oferecido kit escolar, atendimento médico, odontológico, oftalmológico, nutricional e aulas de reforço escolar àqueles com dificuldade de aprendizagem nos processos de leitura, escrita e cálculo

pelo professor. Vale ressaltar que este professor é marido da diretora da escola, e é ele que ajuda a abrir a escola, fazer a merenda e a distribuir aos alunos, ainda me informou que muitas vezes lava também os banheiros e varre as salas com as outras professoras. Nota-se que com todas as dificuldades encontradas, José se mostra motivado em educar seus alunos.

No dia seguinte observei o 3º ano do Ensino Fundamental que conta com 20 alunos, mas só estavam presentes 18. A chegada à sala é muito tumultuada, a professora organiza as carteiras em filas, deixando os alunos mais desinteressados no fundo da sala sem dar muita atenção, quase os ignorando. Inicia sua aula me apresentando a turma e quase implorando que se comportem por estar na sala, chega até me falar que precisa fazer promessa para dar aula.

Logo em seguida realiza a chamada, o preenchimento do calendário e inicia o conteúdo da aula de geografia, sobre “Agressões ao Meio Ambiente Urbano”. A professora faz a leitura do texto sobre a temática, dos dezenove alunos cinco prestam atenção, os demais trocam figurinhas, conversam, brincam de jogo da velha, de fazer imagens com a sombra do sol, fazem bolinhas para acertar no lixeiro, falam da novela, cantam músicas, as meninas usam maquiagem, ensinam uma as outras como jogar o cabelo, tudo menos prestar atenção no que Joana lê, e para ela não faz muita diferença, como ela diz, já desistiu e conta os segundos para se aposentar no fim do ano.

A todo o momento a professora usa de argumentos para justificar o fracasso dos alunos em não quererem nada, “que a culpa é toda deles, que se eles não prestarem atenção é azar deles, que irão ser sempre alunos que não querem nada com a vida, que não tem responsabilidade com nada”. Freire (1996) destaca essa distância do discurso de muitos professores descompromissados com sua prática em fomentar a ideia de culpar os alunos por seu fracasso escolar: “Como posso continuar falando em meu respeito ao educando se o testemunho que a ele dou é o da irresponsabilidade, o de quem não cumpre o seu dever”. (p. 65). Para Ceccon:

A professora, na maioria das vezes, não é vista como uma pessoa amiga que está ali para ajudar, mas sim como aquela pessoa que sabe o que eles não sabem, que fala enquanto eles têm que ficar quietos, que fala bonito e diz que eles falam errado, que castiga quando eles se comportam mal e que reprova quando eles não conseguem aprender o que tem que ser aprendido. Eles têm medo dela e, para se defender, se fecham em si mesmos ou tornam-se agressivos e indisciplinados. (2010, p. 16).

Como Joana pretende que seus alunos participem de sua aula, se a aproximação que tem deles é somente para criticar, para ela é desnecessário perder o seu tempo tentando fazer com que os alunos prestem atenção na aula, já que provavelmente irão ser reprovados. Assim, os alunos não tem nenhuma motivação para se esforçarem, acabam se sentindo incapazes de

aprender até chegar à conformidade que irá marcar o resto de sua vida. Dá pra entender a que ponto a educação chegou, a ter pessoas como Joana a mais de 20 anos em sala de aula, com uma prática assim, do “faz de conta”, ela finge que ensina e os alunos fingem que aprendem, para ela que está a meses de sua aposentadoria já não é mais importante se preocupar com o futuro e a formação de seus alunos, Ceccon (2010), destaca que:

É muito importante ajudar os professores, a saber ensinar mais e melhor. Muitas vezes é por não saberem lidar praticamente com as dificuldades encontradas pelas crianças em aprender que os professores põem a culpa na vítima. Com essa desculpa não levam em conta a situação real dos seus alunos nem colocam em questão sua própria maneira de ensinar. (p. 89).

A professora aparenta não ter afeto aos alunos, em uma situação em que o aluno coloca a mochila no chão ela chega a chama-lo de “porco”, uma atitude desnecessária para que o aluno reconheça que ali não é o local de sua mochila. Joana já não consegue dominar a sala, sua postura não é condizente a formar seus alunos.

No terceiro dia de minha observação do Ensino Fundamental estive no 4º ano, a sala é superlotada com 30 alunos, mais noto aqui a diferença entre as aulas observadas anteriormente, mesmo por serem 30 alunos eles demonstram respeito à professora Jaqueline que os leva na fila e entram na sala organizando as carteiras em círculo, já um ponto positivo em relação às outras turmas que ainda assistem aulas em filas.

Jaqueline inicia sua aula de matemática sobre “Representação de Fração com números”, e os seus alunos se mostram concentrados em sua explicação, a todo o momento os questiona se estão entendendo, se querem que repita a explicação, demonstrando interesse no aprendizado dos alunos. A turma do 4º ano é bem interessada, participam da aula, chegam até brigar para fazerem a leitura dos enunciados de questões. Segundo Freire (1996): Saber ensinar não é transferir conhecimentos, mais criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. (p. 47). Observei que Jaqueline procura sempre incentivar os alunos a desenvolverem seu senso crítico, sem impor o conhecimento, fazendo com que as crianças aprendam a partir de suas produções.

No último dia de observação, estive no 5º ano do Ensino Fundamental, que contém 20 alunos. Os alunos chegam à sala organizando as carteiras, e a professora Karla os ajuda, em seguida dois alunos da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, aplicam um projeto com o tema: “Ética e Cidadania: como se relacionar de forma harmoniosa em sala de aula”, os alunos falaram sobre as diferenças entre as pessoas, ao amor aos animais, respeitos aos pais, professores e colegas de sala, as diferentes classes sociais, a sinceridade e honestidade. Após

as crianças receberam fichas com nomes de tudo que foi falado e associaram a imagem que tinha a de seu colega. Para Werneck:

Como educadores, precisamos perceber que a moral da criança passa por uma evolução. Quando nasce, a criança está num estado de “anomia”, ou seja, ausência da lei. Ela não sabe o que é certo ou o que é errado. Mais tarde ele atravessa a fase da heteronomia, quando os mais velhos, os educadores, os tios ou padrinhos indicam se alguma coisa está certa ou errada. A escola faz isto muito bem. A falta de ética está em impedir que a criança avance e chegue a atingir a autonomia. Quando uma escola se coloca na posição puramente heterônoma, rouba ao educando a possibilidade de se preparar para o futuro. (2004, p. 91).

Precisamos ser éticos para a formação de alunos autônomos, capazes de discernir o que é certo e errado, e essa atividade aplicada pelos alunos da UESPI, foi muito enriquecedora para a construção de muitos valores para os alunos do 5º ano.

Concluo esse olhar crítico sob as ações pedagógicas na sala de aula, de forma satisfatória como também preocupante. Primeiro por que percebi que apesar das dificuldades encontradas pelos professores, eles não desistem de exercer sua função com compromisso e dignidade, preocupante por que ainda existem professores cansados, esgotados nas salas de aulas das escolas, e esses alunos dessas turmas formam a parte dos que estão à mercê da sorte de um dia encontrar alguém que lhes mostre o verdadeiro sentido de aprender.

4. REGÊNCIA: OPORTUNIDADE DE ASSIMILAR A TEORIA NA PRÁTICA

Neste momento observo o quanto foi importante o primeiro contato com a sala de aula nos momentos de observação, vez que minha prática se tornou mais favorável por conhecer os alunos e suas características particulares, facilitando assim, o nosso relacionamento professor-aluno. Após observar o cotidiano do Ensino Fundamental de 2º ao 5º ano da Escola da Vida, inicio minha regência em que tive oportunidade de trabalhar com várias disciplinas, dentre elas: Português, Artes, Religião, Ciências, Geografia e História (Geral e do Piauí).

Consciente de meu papel enquanto educadora, e compromissada em proporcionar a aprendizagem significativa aos alunos, iniciei minha prática no 2º ano do Ensino Fundamental com a aula de Português sobre o gênero textual: fábula, utilizei a Fábula do Leão e o Ratinho. No primeiro momento questioneei aos alunos sobre o que eles sabiam sobre fábulas, em seguida, convidei os alunos para formarem uma roda no chão para que pudesse contar a fábula, muitos se recusaram a sentar no chão, por acharem sujos, mas acabaram sentando e comecei a contação utilizando fantoches. Percebo a curiosidade dos alunos em ouvir a

história, logo quando terminei questioneei sobre o que eles tinham entendido da fábula, os alunos refletiram a moral, levando para situações de seu cotidiano.

Fui questionada pelos alunos se iria passar atividade no quadro para copiarem, e quando disse que não, até me assustei pela atitude dos alunos, por que queriam por força que eu copiasse atividade no quadro, demonstrando total condicionamento em apenas copiarem. Então sugeri que aquele momento de cópia fosse trocado por uma roda de leitura de fábulas, os alunos então adoraram a ideia e fiquei mais satisfeita com o resultado de está proporcionando um momento de aprendizagem significativa do que apenas a reprodução de um assunto.

Durante minha regência no 3º ano do Ensino Fundamental, ministrei aulas de Português, Geografia e Ciências. Iniciei minha aula um pouco apreensiva pelo comportamento da turma no dia em que observei, mais comecei fazendo logo bem diferente, coloquei as carteiras em um semicírculo e pedi á aqueles alunos esquecidos do fundo da sala, que se sentassem bem próximos a mim, também separei os grupinhos e misturei a sala entre meninos e meninas, e já foi um bom começo, por que só de notar que aqueles alunos que passavam a aula toda brincando tendo a oportunidade de participar e aprender, já foi uma grande vitória.

Apresentei-me a turma e iniciei a aula de Português, sobre o Gênero Textual: Notícia, pretendi, identificar quais as finalidades e os elementos característicos de uma notícia, desenvolver atitudes favoráveis à leitura, a compreensão de forma global do texto lido e desenvolver a produção textual a partir de títulos de notícias.

Distribuir jornais para os alunos, (procurei levar jornais com notícias que pudessem chamar a atenção dos alunos, como o show da galinha pintadinha em Teresina). Através dessa notícia questioneei os alunos: “Para que serve o jornal?” “Além do jornal impresso existem outros tipos de jornais?”, “O que o jornal traz?”. Os alunos demonstraram bastante conhecimento sobre esse gênero textual, falaram de notícias que estavam acontecendo no momento, e identificaram as principais características de uma noticia, como o título, o tema, quando e como aconteceu. Gadotti (2003) irá falar dos principais passos do Método de Paulo Freire, em que se dá a importância à leitura de mundo dos alunos: “O primeiro passo do seu método de apropriação do conhecimento é a leitura de mundo. É o aprendiz que conhece. Palavras geradoras, temas geradores, complexos temáticos, codificação, decodificação”. (p. 111).

Distribuir jornais para os alunos escolherem uma notícia e falar o que a notícia informava, os alunos que não conseguiram ler, realizaram a leitura de imagens. Aqui pude

confirmar que o comportamento e o interesse dos alunos em aprender era culpa da prática cansada da professora da sala do 3º ano, por que com uma atividade simples consegui envolver todos os alunos, fazendo com que participassem da aula e aprendesse o conteúdo. Para finalizar, propus à turma a escrita de uma notícia.

Concluo minha regência no 3º ano muito feliz por ter conseguido durante dois dias ter passado um pouco do que sei e ter aprendido com os aqueles alunos tachados por não aprenderem nada por sua culpa, sua incapacidade de interesse. Percebo que a motivação e o compromisso do professor fazem toda diferença para uma aprendizagem significativa. Saltini (2008) reflete sobre isto:

O educador está sempre à espreita de que a criança execute o que foi previsto para ela. A liberdade deixada à criança é sempre ilusória, esta não tem outra saída senão adaptar-se a um mundo construído para oprimir e castrar. Não acredito que devamos analisar “o porquê as crianças não aprendem”, mas nos perguntando por que nos negamos tanto a aprender a “educar”. Existe uma profunda presunção em todo educador, como se educar fosse um ato normal. (p. 25).

Durante minha regência no 4º ano do ensino fundamental, tive a oportunidade de ministrar as disciplinas de Geografia, História do Piauí, Português e Ciências. Início minha prática com a disciplina de Geografia com o conteúdo “As indústrias e as transformações no espaço”. Inicie a aula mostrando aos alunos alguns produtos (alimentos e produtos industrializados) e perguntando de onde eles vieram, qual o caminho que fizeram até chegar ao consumidor (meios de transporte) e para onde eles ponderam ir depois de consumidos (no caso o lixo). Em seguida expliquei de que forma a instalação das indústrias provocou alterações no espaço geográfico, trazendo com elas mudanças nas condições ambientais. Debates textos complementares do livro didático dos alunos, uma característica dos alunos do 4º ano foi a força de vontade para participarem nos debates, eles parecem vibrar por conhecimento, todos participam, e vale ressaltar que é uma turma superlotada de 30 alunos.

Para finalizar a aula, coloquei para os alunos alguns vídeos relacionados à industrialização e o seu impacto ao meio ambiente, em destaque utilizei o vídeo com a música “Xote Ecológico de Luiz Gonzaga”, para trabalhar a temática, os alunos ficaram impressionados com as imagens, alguns me relataram que não imaginavam que a industrialização causava tanto impacto ao meio ambiente. Após propus aos alunos uma atividade com a letra da música, em que os alunos teriam que desenhar conforme o que eles tinham aprendido e o que a música falava.

Para Passos (2011) em sua resenha para a Revista Nova Escola com o tema: Observação, análise e prática para um bom desenho, ela cita que: “Por intermédio do desenho,

a criança pode expressar seus conhecimentos e suas experiências, colocando sua poética de modo singular. As competências e habilidades aprendidas em desenho servirão para outras áreas de conhecimento”. (p. 118). Passos irá discutir exatamente a riqueza e a singularidade encontrada em cada desenho feito pelos alunos, desenhos estes feitos através de uma releitura de um vídeo com uma música, vez que, não se pode esquecer o aprendizado que ocorreu sobre o impacto da industrialização ao meio ambiente, gerando conhecimentos para sua vida pessoal.

Analiso minha regência no 4º ano como um momento privilegiado do meu estágio, em que tive a oportunidade de está em uma sala com alunos tão singulares, que não perdiam a oportunidade de participarem de nenhuma das aulas. Alunos com seus problemas como Micael, que mesmo com sua mãe assassinada e seu pai drogado, vai para escola por que quer estudar e aprender, consegue prestar atenção na aula mesmo sentido muita dor de dente por não ter condições de ir ao dentista. Fábio que vive com sua avó e obrigado a pedir esmolas nas ruas e chega exausto, sujo com fome na escola e é revoltado por passar por essa situação. Carla que tem sérias dificuldades em enxergar por ter suas pupilas quase cobertas por uma carne, e seus pais são separados e não tomaram nenhuma providencia para resolver o problema da menina.

Infelizmente ter que se deparar com situações assim ainda é de cortar o coração, mas sei que para se mudar a realidade de Micael, Fábio e Carla, temos que continuar nessa luta incessante por uma educação de qualidade para todos, para que Micael com todo potencial que tem, possa continuar seus estudos e no futuro ter um trabalho que lhe dê o direito de ir ao dentista, Fábio possa sair da condição de explorado para agente de sua própria história e Carla tenha condições de um dia pagar uma consulta médica para ser diagnosticada e tratada na sua doença. Gadotti (2003) reflete:

Educação não é só ciência: é a arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto. Como projeto, a educação precisa instalar a esperança. Nada mais atual do que esse pensamento, numa época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto do que pela esperança. (p. 112).

Finalizo minha regência no 5º ano do Ensino Fundamental, com as disciplinas de Português, Religião, Ciências, Geografia do Piauí e História. Durante a aula de Ciências com o conteúdo ministrado sobre: A energia elétrica, iniciei a aula com uma roda de conversa, levantando questionamentos aos alunos sobre a importância da energia elétrica em suas vidas. Como a energia elétrica os ajuda? Onde ele está presente em suas casas? Quais os aparelhos que utilizam energia elétrica? De onde vem a energia elétrica? Após estes questionamentos levantados, mostrei para os alunos o vídeo: Kika-De onde vem a energia elétrica? Em seguida

conversei com os alunos sobre o vídeo, e observei que os alunos conseguiram captar todas as informações passadas durante o vídeo, os alunos conheceram todo o processo de como surge a energia elétrica a partir das Usinas Hidrelétricas, como também a produção de energia de Usinas Nucleares, Eólica e Solar (que não prejudica o meio ambiente).

Em seguida os alunos refletiram sobre a importância da economia da energia elétrica para a redução de construções de usinas e assim a preservação do meio ambiente, como também usando de modo racional pode-se economizar dinheiro. Como atividade, propus a turma que produzissem cartazes contra o desperdício de energia elétrica.

Analiso e concluo minha regência no ensino fundamental com grande satisfação, pois sei que cada segundo de planejamento e estudo foi o diferencial para minha prática, constato o a disciplina Estágio Supervisionado na Escola III, como uma disciplina separatória de minha formação, me sinto preparada para estar nessa área para mudar essa realidade, de achar que a culpa dos alunos não aprenderem são deles e não da prática cansada de alguns professores. Agora percebo que através do meu compromisso com a educação, poderei tentar mudar a realidade do Micael e tantos outros que sofrem o tamanho descaso que se encontra a educação.

5. CONCLUSÃO

A disciplina de Estágio Supervisionado na Escola III foi uma grande experiência, pois consegui aprender na prática como funciona todo ambiente escolar que me aguarda após minha formação. Pude perceber vários aspectos da minha futura docência, como: a postura de um professor capacitado em respeitar a autonomia dos alunos, a ter interatividade e compromisso com o grupo, a ter atenção às dificuldades e conflitos encontrados na sala de aula, como também a falta de total responsabilidade de professores com sua prática educativa.

Em síntese todos os conhecimentos aprendidos durante o curso e até este momento serviram para serem aplicados no estágio, a fim de se tornarem instrumentos facilitadores da compreensão da prática. O estágio resultou em muitos momentos de reflexões sobre a prática pedagógica, em que construir, adquirir conhecimentos essenciais no processo de formação acadêmica para o exercício da docência com competência e qualidade, em prol de uma educação realmente para a vida em cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYRES, Antônio Tadeu. **Prática pedagógica competente: ampliando os saberes do professor**. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BRADÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CECCON, Claudius. **A vida na escola e a escola da vida**. 41 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Saber Aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GIANCATERINO, Roberto. **Escola, professor, aluno: Os participantes do Processo Educacional**. São Paulo: Madras, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**: 5ª ed. Goiânia: NF Livros, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- Revista Nova Escola, nº246, Outubro/2011, Editora Abril.
- SALTINI, Cláudio. J. P. **Afetividade e Inteligência**. 5º ed. Rio de Janeiro: Walk Ed., 2008.
- WERNECK, Hamilton. **Educar é sentir as pessoas**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.